

**ATIVIDADES DE REFERENCIAÇÃO:  
O USO DE MARCADORES TEMPORAIS  
EM NARRATIVAS AFILIADAS AO LENDÁRIO AMAZÔNICO**

*Heliud Luis Maia Moura (UFOPA)*  
[heliudlmm@yahoo.com.br](mailto:heliudlmm@yahoo.com.br)

**RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo analisar os marcadores temporais constitutivos dos processos de referenciação em narrativas afiliadas ao lendário amazônico. A referenciação tem ocupado lugar privilegiado nos estudos da linguagem, especificamente no âmbito dos estudos da cognição, aqui tomada como um conjunto de fundamentos epistemológicos alicerçados na ideia de que as construções simbólicas (incluindo-se aí a linguagem verbal) são produtos de interações e formações social e culturalmente situadas, tributárias de processos históricos. É válido postular que as atividades referenciais envolvem processos sociocognitivos baseados em estruturas de conhecimento atreladas às experiências sociointerativas dos sujeitos, resultantes dos contextos em que tais sujeitos transitam e estão inseridos. Para as análises aqui realizadas, tomo como referencial as postulações de Émile Benveniste (2006), Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2006) e José Luiz Fiorin (2002). Marcadores temporais entram como elementos discursivos estruturantes das atividades textuais. Se isto acontece em textos dissertativos ou similares, pode constituir-se como um dos recursos principais de construção de textos narrativos, nos quais os fatores temporais têm a incumbência de contextualizar fatos e eventos, além de pontualizarem a presença do locutor no que se refere à forma de localização temporal da atividade discursiva, de maneira que o leitor/ouvinte/interpretante possa compartilhar(de)/compreender o (trans)curso lógico-temporal, consoante princípios de aceitabilidade, através do que o produtor consegue dar sentido ao texto, “retirando-o da abstração” e imprimindo-lhe uma referência locativa relacionada com a dinâmica do mundo biossocial. Analiso dezessete narrativas referentes a quatro temáticas, concernentes às entidades Boto, Cobra, Matintaperera e Curupira. Diante dos fenômenos observados, pude constatar que as atividades referenciais encontram formas específicas de se realizar nos textos narrativos sob investigação, nos quais os marcadores temporais atuam como elementos imprescindíveis à construção das atividades sociodiscursivas.

**1. Introdução**

O objetivo deste trabalho é analisar a função dos marcadores temporais enquanto elementos contextualizadores das atividades referenciais constitutivas de narrativas afiliadas ao lendário amazônico. Essas narrativas dizem respeito a 4 (quatro) personagens: Boto, Cobra, Matintaperera e Curupira e fazem parte de um total de 17 (dezessete) histórias, escritas por Walcyr Monteiro, contidas na *Revista Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia*.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Os marcadores temporais em estudo são do tipo de referenciadores que operam no sentido de demarcar as ações, situações e eventos integrantes da atividade de construção dos textos relativos às entidades mencionadas. Por esse âmbito, a ação de temporalizar se presta, de acordo com os princípios de aceitabilidade e relevância, à construção do sentido pretendido pelo locutor textual. Por outro lado, essa temporalização retira o texto de uma espécie de “abstração”, para conceder-lhe uma configuração adequada aos objetivos intencionados pela ação verbal.

As análises realizadas objetivam apontar algumas propriedades textuais e discursivas desses marcadores, pois são constitutivos da cadeia semântica do texto, assim como atuam como encadeadores coesivos de fatos e eventos, contribuindo para a progressão referencial e temática conduzida pelo produtor em ações verbais específicas, como é o caso das ações aqui estudadas.

### 2. *Pressupostos teóricos*

Enquanto procedimento sociocognitivo e discursivo, a referenciação também pode abranger processos referenciais relativos à marcação temporal. Marcadores temporais podem, portanto, entrar como um dos elementos discursivos estruturantes das atividades textuais. Se isto acontece em textos dissertativos ou similares, pode constituir-se como um dos recursos principais de construção de textos narrativos, nos quais os fatores temporais têm a incumbência de contextualizar fatos e eventos, além de pontualizarem de maneira mais assertiva a presença do locutor no que se refere à forma de localização temporal da atividade discursiva que está sendo mobilizada, de maneira que o leitor/ouvinte/interpretante também possa compartilhar(de)/compreender o (trans)curso lógico-temporal, consoante princípios de aceitabilidade, através do que o produtor consegue dar sentido ao texto, “retirando-o da abstração” e imprimindo-lhe uma referência locativa relacionada com a dinâmica do mundo biossocial.

Diante do exposto, é possível defender que, em se tratando de processos referenciais, os marcadores temporais podem funcionar como encadeadores coesivos de fatos, concorrendo, portanto, para a progressão referencial e temática do texto. Nesse sentido, do ponto de vista do locutor, esses marcadores apontam para uma relação entre o que Émile Benveniste (2006) chama de tempo crônico e tempo linguístico, segundo o autor:

Em relação ao tempo crônico, o que se pode dizer do *tempo linguístico*? Para falar deste terceiro nível do tempo, é necessário estabelecer novamente as distinções e separar coisas diferentes, mesmo ou sobretudo se não se pode evitar chamá-las pelo mesmo nome. Uma coisa é situar um acontecimento no tempo crônico, outra coisa é inseri-lo no tempo da língua. É pela língua que se manifesta a experiência humana do tempo, e o tempo linguístico manifesta-se irredutível igualmente ao tempo crônico e ao tempo físico.

O que o tempo linguístico tem de singular é o fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso. (BENVENISTE, 2006, p. 74)

Em termos de textos narrativos falados ou escritos, a marcação temporal tem como característica o fato de instanciar o discurso em nível de uma cronologia interna, a qual se estrutura considerando-se não somente elementos do cotexto, mas também a partir da relação destes com o contexto em que a narrativa está circunscrita, tendo em conta também a forma como o produtor/narrador/locutor gerencia o conjunto de fatos, eventos e situações requeridos pela ação discursiva e como os personagens/entidades transitam ou se locomovem no curso desta ação. Por esse ângulo, os marcadores temporais não só estruturam coesivamente/discursivamente o texto, mas também lhe dão uma configuração referencial coadunada simbolicamente com os fatos do mundo extralinguístico ou cultural, no caso, fatos relacionados ao mundo biossociocultural em que narrativas afiliadas ao lendário são veiculadas ou produzidas.

Segundo Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2006), articuladores como os temporais podem estabelecer relação entre elementos do conteúdo, situando os estados de coisas de que o enunciado faz referência no tempo, assim como estabelecer entre eles conexões de natureza lógico-semântica.

Em nível de estrutura referencial, esses marcadores conectam seqüências temáticas e textuais importantes para a construção da arquitetura do texto, ordenam o fluxo informacional e concorrem para a identificação da atividade discursiva, enquanto regida por uma “cronologia” coerente interna em termos de ações e eventos, exigida pela natureza da atividade interacional.

Quanto à marcação espacial, no que trata dos lugares onde fatos e eventos ocorrem nos textos, expressa-se tanto em remissão ao cotexto, para fora deste, como também concomitantemente para os dois. Esse tipo de referência locativo-espacial trata de instruções remissivas por meio das quais o locutor situa mostrativamente fatos e personagens no discurso. Tanto quanto os marcadores temporais, os espaciais também situam

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

os estados de coisas, eventos e personagens em relação a determinados co(n)textos. Nesse sentido, o locutor pode fazer uma remissão anafórica utilizando-se de elementos adverbiais do tipo *lá*, *ali* e *aqui*, os quais ativam sequências ou expressões locativas nominais definidas colocadas antes ou depois na estrutura textual.

José Luiz Fiorin (2002) ao falar dos adjetivos espaciais afirma que os dêíticos espaciais fazem diversos recortes do espaço tópico. O que nos leva dizer *X está aqui*, *lá adiante*. *Aqui* refere-se a um lugar idêntico, como na sala, e *lá*, um lugar diferente, como, por exemplo, na outra extremidade da sala. Para o autor, o espaço linguístico não é pluridimensional, já o tópico sim.

Podemos acrescentar que, em termos textuais, os localizadores espaciais têm a propriedade de manifestar uma espécie de domínio do locutor/produzidor no que concerne à distribuição adequada do espaço linguístico e enunciativo, por meio do qual personagens e fatos se organizam na atividade textual e discursiva, de modo a se ter uma perspectiva coerente e aceitável não só da organização interna do próprio texto, mas também dos fatores semânticos, pragmáticos e sociodiscursivos que levam a essa estruturação.

Considerando as funções textual-discursivas dos adjetivos espaciais, vejamos ainda que nos propõe José Luiz Fiorin:

Os adjetivos espaciais, assim como os demonstrativos, têm duas funções distintas: uma de designar ou mostrar (dêítica) e uma de lembrar (anafórica). A primeira função serve para singularizar os seres a que nos referimos e para situá-los, no caso da dêixis espacial, no espaço. A função anafórica, por seu lado, ao retomar (relembrar) o que fora dito, é um dos mecanismos de coesão textual. Ao lado dessa, há também a função catafórica, ou seja, de anunciar o que vai ser dito. Todas essas funções são faces de um mesmo papel desempenhado pelos demonstrativos e pelos adjetivos espaciais: designar seres singulares que estão presentes para os actantes da enunciação, seja na cena enunciativa, seja no contexto. (FIORIN, 2002, p. 78-79)

E possível então postular-se que os operadores ou marcadores espaciais têm uma função coesivo-sequencial importante na estruturação, por exemplo, de textos narrativos falados e escritos, para o que convergem operações linguísticas ligadas à inserção do sujeito/locutor na tarefa de construção do espaço sociodiscursivo que, sendo tópico e linguístico ao mesmo tempo, constitui uma forma de contextualização da atividade enunciativa.

Com base nos itens discutidos nesta seção, proponho que a ação de referenciar constitui-se como eclética e detentora de diferentes estratégias, mas que têm em comum elementos de interseção e/ou confluência no que tange à construção de referentes/objetos associados a práticas textual-discursivas específicas, nas quais estão (re)construídos objetos culturais e simbólicos caracterizantes das atividades sociais de comunidades em que circulam e são consumidos esses textos.

### 3. *Análise de dados*

Abordo, neste trabalho, o funcionamento de marcadores temporais, quando do processo narrativo posto em andamento nas histórias sob análise. Esses marcadores ou expressões exercem um tipo de balizamento no que tange à referência temporal exigida pela ação narrativa em delineamento. Assim, como essa ação narrativa não é descontextualizada em relação aos fatos que são construídos, ela então precisa de elementos que estabeleçam a referência temporal, a localização no tempo, a partir do que o enredo da história se estrutura e tem sentido.

Os marcadores temporais em questão têm a propriedade de “situar os estados de coisas de que o enunciado fala [...] no tempo” (Cf. KOCH, 2006, p. 133), sendo considerados articuladores de conteúdo proposicional. Nesse sentido, possuem a função discursiva de demarcar eventos e fatos em termos de logicidade e coerência semântico-cronológica, tornando o processo narrativo um fenômeno contextualizado e específico.

Observem-se os excertos 1, 2 e 3, que corroboram o uso desses marcadores temporais:

1.

[...] *Um dia*, acompanhado de amigos, pegou o barco e foi a uma festa. Benevenuto ia falando que não acreditava nas histórias que contavam. E falou de novo:

– Eu até queria ver uma encantada destas... Mas que fosse muito bonita...

Foram pra festa e dançaram, dançaram, dançaram... Quando terminou, Benevenuto separou-se dos demais e dirigiu-se para o barco sozinho. Ao se aproximar, viu aquela linda mulher, loura e muito bem feita de corpo, que se insinuou. Benevenuto era mulherengo, mas *desta vez* ficou receoso. E a mulher foi se jogando pra cima dele. Benevenuto de repente desconfiou e pensou nas coisas que havia falado e nos desafios que tinha feito.

“– Pois eu queria que me aparecesse uma encantada destas. Mas que fosse uma mulher muito bonita...”

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

E ali estava. Benevenuto ficou com medo, muito medo. Ele, Benevenuto, mulhengo e com medo de mulher. Podia um negócio deste? Mas estava. A mulher avançando, ele recuando, até que ela tentou agarrá-lo... Benevenuto sempre usava um pequeno facão no fundo do barco e que *naquele instante* estava em suas mãos. Com o medo que estava, não pensou duas vezes: passou o facão na cintura da mulher, que caiu na beira da praia, próximo ao barco, morta...!

Benevenuto saiu correndo dali. Contou para os outros o que tinha acontecido. Mas só voltaram lá *no dia seguinte*. E o que viram? Na praia, no local mencionado em que Benevenuto disse que matara a mulher, estava um corpo morto, sim! Só que não era da mulher loura: era de uma Bôta, cortada bem no meio, à altura daquilo que seria a cintura de uma mulher...

*Daquele dia em diante*, concluiu Brígida, nunca mais meu avô Benevenuto duvidou das histórias de Botos, Bôtas e outros encantados da Amazônia... (MONTEIRO, 2000, p. 19-20).

### 2.

[...] E o velho João começou sua narrativa.

– Olhe, moço, já fazem uns tantos anos... Foi logo que me casei com a Mundica. Ela era uma cabocla nova, bonita e bem feita de corpo. Nós tinha casado e estava vivendo no meu barraco na beira do rio... Vida de pobre, sabe como é, né? Não se vivia com riqueza, mas o de comê nunca faltou... E a gente se gostava de verdade e ia levando a vida feliz... *Um dia...* - a fisionomia do caboclo foi ficando cerrada - *um dia*, seu moço, vi minha Mundica meio arredia, como quem tá escondendo alguma coisa... Fiquei desconfiado, mas não disse nada, fiquei só observando o jeito dela. Notava que Mundica não era a mesma e chamei ela pr'uma conversa séria... Que que tá havendo, mulher? Por que tu anda desse jeito? Tu não é mais a mesma... Primeiro ela ficou calada, depois, choramingando, foi que Mundica falou:

– Sabe? É um homem! Um desgraçado que vive rondando nossa casa de noite... Tu ainda não visse, não?

– Não, não vi nada não. E por que tu não me disseste logo? Quem é esse filho duma égua?

– Eu não sei, meu filho, juro que não sei... Quando tu sai à noite que vai pescar, eu fecho toda casa, e ele fica rondando, rondando...

– Ah! se eu pego este filho duma vaca! Ele só vem à noite e quando saio?

– É isto mesmo, meu filho...!

E seu João continuou: - Não disse nada. Na minha cabeça - me perdoem vocês, me perdoe Deus - só vinha vontade de matar. E eu ficava pensando quem poderia ser que tava querendo dar em cima da minha mulher... *No dia seguinte* anunciei bem cedo que ia pra pesca. E saí mesmo.

À medida que ia falando, seu João, como se estivesse muito aborrecido, ia franzindo cada vez mais a testa e o cenho. Procurou se acalmar. *Depois continuou.*

– Peguei minha montaria e desci o rio para um lugar em que costumava pescar. Fiquei por lá algumas horas. Depois, embiquei a montaria numa clareira e por terra fui para minha casa, *já de noite*. O meu barraco, como já disse, era na beira, ficando a frente bem em cima do rio. Os fundos dela é que ficavam em terra. Fui chegando de mansinho, bem devagarinho. E no que olho, o que vejo? Lá tava o dito cujo tentando entrar em meu barraco, forçando portas e janelas. Não tive dúvidas... Peguei o arpão que levava comigo e com a força da raiva qu'eu tava arpoei o filho duma vaca... E fui pra cima dele já com a faca na mão... Ele não deu um gemido. Emitiu um som esquisito. E correu pra frente da casa e... tchibum, se jogou n'água... confesso que não entendi... isto tudo foi muito rápido, foi tudo muito de repente... não ouvi barulho de nada... tinha certeza que tinha acertado o filho duma égua... mas não ouvi mais nada. Bati. Mundica abriu a porta. Eu disse só “arpoei o safado que tava rondando o barraco”. E fui dormir. Pessoal, vocês nem querem saber...

Todo mundo estava silencioso, concentrado em seu João para ouvir o fim da história. Ele continuou.

– *No dia seguinte*, acordei pensando. Será que matei o cara? Ou será que só feri? Mas, neste caso, eu não vi ele sair nadando... Quando chego na porta da frente da casa, o que vejo na beira?

Ninguém nem respirava. Seu João fez suspense, olhando para cada um dos que estavam no bar ouvindo a história. E concluiu.

Era um Boto. Um enorme de um Boto, morto, bem defronte de meu barraco, com meu arpão enterrado bem no meio do corpo. [...]. (MONTEIRO, 2000, p. 8-10).

3.

[...] Lá veio novamente a Cobra da mesma direção que das vezes anteriores. Abraçado ao esteio com o braço esquerdo, esperou que ela passasse. Desta vez a Cobra vinha rente ao trapiche e aí conseguiu segurar no talo da rosa. Quase que é arrastado pela Cobra, mas, como estava bem seguro, aguentou firme e ficou com a rosa na mão. A Cobra continuou subindo o rio até desaparecer...

Marujo ficou uns instantes ali, ainda abraçado ao esteio e olhando a rosa que tinha na mão. Era muito bonita e cheirosa!

Depois subiu ao trapiche e ficou esperando a moça. Nada. Continuou esperando e ninguém aparecia.

– Mas, sim senhor, cadê a moça? - pensou - Será que ela não vem?

Olhava pro rio esperando que ela aparecesse numa canoa ou montaria. E nem sombra da moça...! Começou a olhar em todas as direções, pra cima, pra

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

baixo, pros lados, voltou a olhar pro rio e... nada! Resolveu dar um tempo. [...]. (MONTEIRO, 2000, p. 28).

O excerto 1 contém, logo no início, o marcador temporal "um dia" que, como em muitas das histórias ou contos ficcionais clássicos e infantis, inicia e/ou conduz o processo narrativo. Este mesmo operador vem novamente usado no excerto 2, mais precisamente na sequência: "um dia, seu moço, vi minha Mundica meio arredia, como quem tá escondendo alguma coisa...", tendo no corpus uma variante, a forma "lá um dia", expressa em sequências como esta: "E lá um dia... não demorou muito... quando menos esperavam, eis que uma cobra, tal como o pajé dissera, aparece para a madrinha do menino, bem no meio da sala".

Portanto, o que quero dizer é que marcadores como "um dia" e suas variações também compõem os elementos de temporalidade integrantes das narrativas estudadas, estabelecendo um esquema de articulação acerca do modo como o tempo situa os eventos descritos nas histórias que estão sendo contadas.

No mesmo excerto, temos os operadores *desta vez*; *naquele instante*; *no dia seguinte*; *daquele dia em diante*; que embora tenham uma função mais ou menos similar, é o operador *no dia seguinte* que se apresenta como mais recorrente no *corpus*, tendo, só no excerto 2, duas ocorrências, referendando-se o seu papel importante no que concerne ao estabelecimento de relações temporais em narrativas como as de Boto, nas quais foi encontrado com mais frequência. Acrescente-se que, como marcador de relação temporal, tem, nas citadas narrativas, a função discursiva de apontar para, anunciar ou preparar um fato que se apresenta como importante ou crucial para o processo narrativo. É o que acontece, por exemplo, em sequências como: "Contou para os outros o que tinha acontecido. Mas só voltaram lá no dia seguinte. E o que viram? Na praia, no local mencionado em que Benevenuto disse que matara a mulher, estava um corpo morto..." Logo, enquanto elemento de marcação temporal tem também uma propriedade central na caracterização dos fatos e eventos e na construção da progressão temática do texto.

Um outro marcador temporal digno de nota é o *depois*, que também se manifestou usual e recursivo nas narrativas em análise, tendo algumas variações em sua construção, conforme podemos observar nos excertos 2, 3, 4 e 5. No caso do 2, esse marcador vem expresso pela variante *depois continuou*, com uma função propriamente de progressão textual e também metadiscursiva. Nesse mesmo excerto, logo mais à frente, temos o *depois* em sua forma simples, o qual, um tanto diferente da varian-



te anterior, serve à articulação do conteúdo proposicional e marca a relação temporal necessária à narrativa colocada em andamento, como podemos observar na sequência: "Depois, embiquei a montaria numa clareira e por terra fui para minha casa, já de noite". Por conseguinte, conforme observado, esse operador atua como um tipo de contextualizador do conteúdo narrativo que vem logo a seguir à sua inserção, delimitando também temporalmente a sequência narrativa posterior em relação à anterior dentro da estrutura textual. Este é um procedimento que ocorre, por exemplo, no excerto 3, no qual o operador em questão introduz um novo (sub)tópico, provocando um rompimento com o (sub)tópico antecedente. Vejam-se as sequências:

Marujo ficou uns instantes ali, ainda abraçado ao esteio e olhando a rosa que tinha na mão. Era muito bonita e cheirosa!

*Depois* subiu ao trapiche e ficou esperando a moça. Nada. Continuou esperando e ninguém aparecia. (MONTEIRO, 2000, p. 28).

Olhando o exemplo, observemos que o marcador insere novas ações narrativas, dando instruções ao leitor acerca da mediação temporal requerida pelas mesmas, tornando-as localizáveis do ponto de vista factual/eventual.

Vejam-se os excertos 4 e 5:

4.

Início da década de setenta.

Em Melgaço, *depois de jogar uma pelada*. Severino Araújo, de 10 anos, e dois colegas resolveram tomar banho no rio, indo para o antigo trapiche de açazeiro, bem diferente do trapiche atual.

Quem vai contando a história é Maria Telma Araújo Dias, estudante, residente na cidade de Melgaço e sobrinha de Severino.

Eram seis da tarde. Os três tomavam banho alegremente, até que Severino deu um mergulho e não voltou mais. Os outros dois, pensando que ele estava brincando e tinha se escondido nos barrancos, *depois de chamarem bastante e esperarem um bocadinho*, foram embora.

Às sete horas, a avó de Telma, portanto, a mãe de Severino, resolveu ir atrás e foi à casa de Canhoto, um dos amigos, que contou o que se passara, afirmando que *depois daquele mergulho* não viram mais Severino, razão por que pensaram que ele estivesse se escondido. [...]. (MONTEIRO, 2000, p. 12).

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

5.

[...] D. Teca saiu procurando o menino rio acima e abaixo e nada. Procurou na mata próxima e não encontrou seu filho. Correu à sua casa, avisou os vizinhos e foram todos ao local, onde realizaram uma grande busca... e igualmente nada.

*Depois de vários dias de procura* sem resultado, aconselhada por amigos e vizinhos, D. Teca resolveu procurar o pajé do local.

Em lá chegando, após contar o caso, D. Teca viu o pajé concentrar-se e, em seguida, com voz grave, dizer-lhe: - Seu filho está encantado no fundo do rio. A mãe do rio se agradou dele e encantou ele.

- E o que devo fazer? Perguntou, nervosa, D. Teca.

- A senhora não tem muita coisa a fazer, não... Entretanto, vai ter uma oportunidade para seu filho ser desencantado... Mas tem de ser feito como eu digo! [...]. (MONTEIRO, 2000, p. 16).

Como podemos verificar, nos excertos 4 e 5, a marcação temporal instaurada pelo operador *depois* vem acrescida de vários elementos nominais e verbais, o que proporciona uma extensão ou alargamento semântico e discursivo bem maior no que diz respeito à contextualização do conteúdo proposicional impetrado pela ação narrativa. Desse modo, sequências temporais como essas preenchem funções distintas, mas concomitantes ou cocorrentes: tanto de articulação temporal de eventos, como de expressão do conteúdo dos enunciados narrativos em construção no texto. Assim, no excerto 4, temos os seguintes marcadores: *depois de jogar uma pelada; depois de chamarem bastante e esperarem um bocadinho; depois daquele mergulho*. Já no 5, temos o marcador *depois de vários dias de procura*. Considerando, portanto, os 04 (quatro) marcadores indicados acima, o primeiro expressa-se por meio de uma sequência curta de elementos nominais e verbais, enquanto que o segundo vem construído por meio de uma sequência mais longa dos citados elementos; no entanto, em ambos os casos, a articulação temporal tem a função de contextualizar melhor todo um conjunto de fatos necessários à consecução ou execução do processo narrativo. Logo, as ações verbais aí presentificadas contribuem para situar com mais profundidade os estados de coisas objetivados nos enunciados de natureza narrativa, de modo a se construir um retrato também mais nítido dos fatos e situações em jogo, que são pretendidos pelo produtor do texto. Mas, no que se refere ao terceiro e quarto marcadores, observamos serem de composição somente nominal e, por isso, funcionáveis mais propriamente como localizadores temporais, com atenuação de funções ligadas à expressão do conteúdo narrativo mais escrito, não descartando, entretanto, seu contributo para a construção do

conteúdo factual inerente à atividade narrativa que aí se desenvolve. Posso dizer, então, que esse tipo de marcador de constituição puramente nominal encerra propriedades que vão além daquelas contidas nos advérbios puros, pois carregam sentidos ligados a forças ilocutórias embutidas na atividade textual-narrativa.

Levando em conta o exposto, proponho que o marcador *depois* e suas variantes, aqui discutidos, constituem recursos caracterizantes das 04 (quatro) narrativas em estudo, principalmente daquelas onde são mais recursivos, a saber: narrativas de Boto, Cobra e Matintaperera, nas quais se prestam à construção dos processos de referência das entidades supracitadas, localizando eventos, fatos e situações envolvidos nas histórias em que esses entes participam como protagonistas e/ou antagonistas. Por outro lado, entendendo que a citada localização ou locação temporal se apresenta como essencial à própria elaboração dos fatos por onde tais personagens transitam, numa dinâmica temporal que extrapola à mera factualização/seqüencialização cronológica, postulo acerca da importância dos citados marcadores para a atividade de textualização requerida pelas narrativas em análise.

Vejam-se os excertos 6, 7, 8 e 9:

6.

[...] As palavras não saíam e Marujo gaguejava, procurando encontrar uma justificativa para o fato de estar espiando.

Ela não esperou o resto da desculpa e, antecipando-se ao que ele ia dizer, falou:

– Chegue mais um pouquinho pra cá!

*Naquela época* havia mais respeito e foi um tanto encabulado - afinal ela estava nua - que ele se achegou.

Já perto do tronco onde a moça estava, perguntou:

– Mas a senhora mora aqui? Porque eu não vi a senhora a bordo...!

É, eu moro ali, naquele rio! (ela falou, apontando na direção do rio Pacoara, do qual o igarapé era afluente). Lá onde estava o motor ancorado. [...]. (MONTEIRO, 2000, p. 24).

7.

[...] Bragança, como é por demais sabido, é um município devoto de São Benedito. Pois bem, a localidade de Campo de Baixo não podia ser diferente. Lá também cultuavam e faziam festa para São Benedito. E foi justamente no dia de uma ladainha para São Benedito que... Ah! ia esquecendo! *Naqueles*

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

*dias* de um ano qualquer da década de cinquenta, que Aguinaldo não se lembra com precisão qual foi, ouviam à noite, o assobio de uma Matinta Perera. E os moradores se perguntavam: - Quem poderia ser? Afinal, nas localidades pequenas, todo mundo conhece todo mundo e não faziam ideia de qual moradora carregava a sina de virar Matinta Perera. *Naquele dia*, ou melhor, *naquele noite distante*, os moradores de Campo de Baixo, reunidos em ato de fé, realizavam uma ladainha para São Benedito e se locomoviam de um lugarejo para outro, rezando sempre. De repente ouviram o bater de asas e, ao olharem para cima, viram ainda um pássaro de regular tamanho, com grandes asas semelhantes a ameaçaba (tipo de porta usada no interior feita de palha trançada) como que se atrapalhar e cair na mata, bem em cima de um tucumanzeiro. [...]. (MONTEIRO, 2000, p. 12-14).

8.

[...] Quando chegou de noite, assim que a Matinta começou a assobiar, quando se ouviu

– Fiiiiiiiiittt...!

O pajé saiu da casa em que estava, começou a fazer suas orações, pegou as duas cuias pitinga e colocou em cima da sandália emborcada. Era a fórmula para amarrar Matinta Perera!

*Naquela noite* ouviu-se ainda um assobio cortado pela metade e um barulho assim como se fosse um pato se debatendo em cima de um galho de uma árvore próxima. Ninguém foi olhar, esperando a manhã seguinte... [...]. (MONTEIRO, 2007, p. 16).

9.

[...]– Nasci em Belém. Mas minha família possui uma fazenda de nome Candeua, no atual Município de Santa Bárbara, onde brincava muito com meus primos Eraldo, de 14 anos, e Tiago, de 8 anos.

*Nesse dia* – e já se vão onze anos, pois foi em 1987 - meus primos iam tomar banho numa cachoeira existente na fazenda, mas que era muito distante da casa principal. Desobedecendo minha mãe, D. Lúcia, que tinha proibido de ir, fugi e acompanhei meus primos. Aí seguimos por uma trilha dentro da mata para chegar à cachoeira. Íamos cantando e brincando. Já tínhamos andado mais de um quilômetro quando escutamos um barulho como que de passos amassando folhas secas. Paramos. Olhamos em todas as direções e nada vimos. Apenas a sensação de estarmos sendo observados... [...]. (MONTEIRO, 2002, p. 12)

Nestes excertos, observamos a ocorrência de marcadores de tempo que se mostram também como representativos das narrativas estudadas. Nesse sentido, o excerto 6 apresenta um tipo de marcador que se configura como exemplificativo quanto à marcação temporal veiculada

pelas diversas histórias em foco, é o marcador *naquela época*, congêneres do operador *naquele tempo*, também presente no *corpus*, observando-se variantes similares do tipo: *nesta época*; *neste tempo*. Assim, pela ocorrência mais constante dessa classe de marcadores, é possível dizer que estes também compõem a estrutura referencial das narrativas sob investigação, e que, por isso, mostram-se como caracterizantes dos eventos narrativos integrantes dessas histórias.

Nos excertos 7, 8 e 9, temos como exemplificativos os marcadores temporais: *naqueles dias*; *naquele dia*; *naquela noite distante*; *naquela noite*; *nesse dia*; que, de modo semelhante aos já analisados neste trabalho, entram como itens componenciais de articulação temporal dos conteúdos proposicionais inerentes aos fatos e eventos em questão, perfazendo um quadro referencial locativo relevante para os textos em apreciação. Desse modo, proponho que tais marcadores tenham um papel preponderante no que diz respeito às atividades narrativas contidas nas histórias de Boto, Cobra, Matintaperera e Curupira, e que embora não sejam específicos ou típicos dessas narrativas, constituem formas textuais participantes e construtoras dos fatos aí expressos. Por conseguinte, marcadores como estes mostraram-se como uns dos mais usuais no *corpus*, o que levanta evidências sobre o papel sociocognitivo e sociodiscursivo desses elementos para a construção textual de narrativas dessa natureza.

Em conclusão ao estudo dos elementos deste trabalho, postulo que os marcadores temporais que se mostraram mais evidentes como *no dia seguinte*; *depois* e suas variantes; *naquela época e similares* constituem formas textuais significativas para a construção do processo narrativo relativo aos textos analisados e, concomitante a isso, para o estabelecimento da referência embutida nos fatos ligados aos personagens afiliados ao lendário, protagonizantes das histórias em pauta.

É possível ainda postular acerca do papel de tais marcadores para a construção do enredo e da progressão especificamente referencial das histórias em estudo. No último caso, como elementos que funcionam como estruturantes e/ou caracterizantes das ações referentes aos personagens das citadas narrativas. Por outras palavras, como recursos coesivo-referenciais no processo de continuidade tópico-temática dos textos sob análise.

A tabela, a seguir apresentada, mostra as ocorrências dos marcadores temporais analisados:

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

<b>Narrativas referentes aos personagens lendários</b>	<b>Boto</b>	<b>Cobra</b>	<b>Matintaperera</b>	<b>Curupira</b>	<b>Total</b>
Número de Narrativas	04	05	05	03	17
Ocorrências de marcadores temporais	19	21	19	7	66
Percentual (%)	28,79	31,82	28,79	10,60	100

**Tabela 1 - Marcadores temporais que atuam nos processos de referência.**

**Fonte: Revista Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia.**

Segundo os dados dispostos na tabela, detectamos um total de 66 (sessenta e seis) marcadores temporais nas 17 (dezessete) narrativas em análise, tendo-se uma média de 3,88 desses marcadores por história. Em nível de percentual, o índice mais elevado se deu em narrativas de Cobra, com 31,82%. Mais abaixo, temos as de Boto e Matintaperera, com 28,79% em cada uma dessas narrativas e, em último caso, as histórias de Curupira, com uma incidência de 10,60%.

Portanto, tendo em conta que os números e percentuais aí mostrados são significativos, podemos chegar à conclusão de que esses marcadores têm uma função importante para a construção das atividades referenciais relativas aos textos das histórias que compõem o *corpus* deste trabalho.

#### **4. Considerações finais**

As narrativas de Cobra tiveram o percentual mais elevado de marcadores temporais, com 31,82% dessas formas, denotando o seu emprego significativo para a constituição das narrativas em pauta, com destaque para a intervenção de processos sociocognitivos, que se apresentam como espécies de elementos de constrição para o estabelecimento das relações temporais requeridas por essas produções escritas. Logo, conforme observei nas análises relativas a esses marcadores, pude constatar a importância destes para a estruturação dos fatos e eventos participantes das narrativas estudadas, levando em conta o fato de se constituírem como itens textual-discursiva cuja função consiste em contextualizar e dinamizar as atividades referenciais expressas nesses relatos. Em nível de quantidade total de marcadores, nas 17 (dezessete) histórias analisadas, constatei uma média de 3,88 deles por história, ratificando o seu contributo para o processo de construção dos textos estudados.

Consoante os dados apresentados, as narrativas de Cobra, Boto e Matintaperera tiveram o percentual mais elevado de marcadores tempo-

rais; é possível que esse fenômeno ocorra em função das mais variadas possibilidades de recriação de histórias relativas a esses personagens, com a concomitante inserção dos mais variados tipos de fatos e eventos, os quais, por sua vez, passam a conter uma multiplicidade de marcadores temporais, demarcando cronológica e discursivamente essas factualizações. Logo, como descrito nas análises concernentes a este trabalho, esses elementos funcionam como estruturantes e/ou caracterizantes das ações referentes aos personagens em questão, as quais estão conectadas, de uma forma ou de outra, aos tipos de relações sociais e culturais em circulação no mundo amazônico.

Mediante o exposto é possível dizer que, dada a grande disseminação de relatos ligados a esses entes lendários, as relações temporais aí implicadas devam adquirir uma característica própria, coadunadas também com a forma como são instanciadas e/ou construídas nos vários textos narrativos referentes a tais personagens e em mobilização nas comunidades amazônicas.

Mas, no que diz respeito às narrativas de Curupira, a marcação temporal se apresentou em número reduzido. É possível que isso se dê em função de uma certa homogeneidade no que concerne a forma de construção textual-discursiva dessas histórias nas comunidades amazônicas, com pouca necessidade de recorrência dos narradores a esse tipo de expediente. A própria homogeneidade relativa ao modo de constituição desse personagem, com a ausência de processos ligados à metamorfose, pode conduzir a uma conseqüente simplificação na forma de construção da atividade narrativa, observando-se, em vista disso, a pouca incidência de elementos marcadores de tempo. Por fim, é válido afirmar que tanto no caso das narrativas de Curupira, como nas demais aqui analisadas, cujo percentual de marcadores temporais foi bem maior do que estas primeiras, as relações indicadoras de tempo podem estar atreladas ao modo de construção dessas entidades lendárias no ambiente cultural do qual emergem, considerando, nesse âmbito, as características simbólicas e discursivas que lhes são inerentes e constitutivas nesse mesmo locus.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2006.

FIORIN, José Luiz. Adjetivos temporais e espaciais. In: ABAURRE,

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Maria Bernadete Marques; RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza. (Orgs.). (Orgs.). *Gramática do português falado*. Volume 8 – novos estudos descritivos. Campinas: Unicamp, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução a linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MONTEIRO, Walcyr. Uma mulher muito bonita. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém: Smith Produções Gráficas, 2. ed. ano I, n. 3, p. 19-20, 2000.

\_\_\_\_\_. A ladainha de São Benedito. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém: Smith Produções Gráficas, 2. ed. ano II, n. 5, p. 12-14, 2007.

\_\_\_\_\_. A rosa. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém: Smith Produções Gráficas, 2. ed. ano I, n. 3, p. 28, 2000.

\_\_\_\_\_. A tia Podó. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém: Smith Produções Gráficas, 2. ed. ano III, n. 8, p. 16, 2007.

\_\_\_\_\_. História de beira de rio. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém: Smith Produções Gráficas, 2. ed. ano I, n. 5, p. 8-10, 2000.

\_\_\_\_\_. O encantado do Rio Pedreira. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém: Smith Produções Gráficas, 2. ed. ano I, n. 3, p. 16, 2000.

\_\_\_\_\_. O mergulho. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém: Smith Produções Gráficas, 2. ed. ano I, n. 1, p. 12, 2000.

\_\_\_\_\_. Suzy e o curupira. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém: Smith Produções Gráficas, 2. ed. ano III, n. 7, p. 12, 2002.

MOURA, Heliud Luís Maia. *Atividades de referenciação em narrativas afiliadas ao universo do lendário da Amazônia: implicações sociocognitivas e culturais*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística). – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.